

O agente do oblíquo

Uma cartografia da instituição psiquiátrica e do tratamento das psicoses

Rodrigo Godoy Fonseca

Resenha de Jean Oury, *O Coletivo*, São Paulo, Hucitec, 2009, 279 p.

O *Coletivo* é fruto da transcrição do quarto ano (1984-1985) do seminário de Jean Oury no hospital Sainte-Anne, em Paris, atividade que mantém com regularidade, todas as terças-feiras à noite, dez meses por ano, até os dias de hoje. São praticamente trinta anos. Tal atividade é *abastecida* em parte por outro seminário, mantido na Clínica de La Borde, semanalmente, aos sábados, desde os anos 1970.

À diferença do que acontece em La Borde, onde o público é formado pelos colaboradores locais, por alguns profissionais da região e marcado pela presença constante e pelo vai e vem dos pacientes da clínica, o seminário parisiense reúne profissionais de todas as regiões da França, e mantém um grupo de discussão sobre a prática em suas instituições durante o período da tarde, grupo este igualmente capitaneado por Oury. Trata-se de verdadeiras jornadas de trabalho, de um colóquio, sem que este nome seja pronunciado.

A produção final do seminário, então, é marcada por essa *preparação* labordiana, imersa na experiência clínica direta, por esses aportes vindos da discussão em grupo e também por uma boa dose de improvisação.

Improvisação essencial, como destaca o autor logo em seu prólogo: “a improvisação tornou-se,

para mim, uma necessidade ética. O que eu digo é da ordem do que eu posso ‘apresentar’ (*darstellen*) de um encaminhamento presente: é com isso que, sem ajuda, sem apoio, encostado na parede, nós abordamos o outro, o alheio, na sua miséria existencial” (p. 17).

O *Coletivo* foi o primeiro seminário de Oury publicado na França, vindo dialogar com importante obra “escrita”. Escrita, entre aspas, pois a produção teórica do autor tem uma marca peculiar: ela foi objeto, com grande frequência, de uma apresentação nos incontáveis encontros onde intervém há mais de meio século. A primeira publicação de grande parte de seus textos foi feita, muitas vezes, sob forma de “leitura” coletiva, portanto.

Seu pensamento e sua atividade incessante, apoiada na experiência de La Borde, clínica que fundou em 1953 e que dirige até hoje, transformaram-no na principal figura do movimento francês de reflexão e de intervenção na instituição psiquiátrica, que veio a ser denominado *Psicoterapia Institucional*.

Jean Oury conheceu Jacques Lacan no final dos anos 1940. Lacan foi seu analista e seu mestre. O estilo de transmissão oral de Lacan representou sem dúvida um modelo para a atividade de Oury, como o foi para importantes analistas franceses de sua geração. Sua temática e suas articulações são, no entanto, absolutamente originais e centradas, como já afirmamos, na discussão da função da instituição psiquiátrica e na aplicação da teoria psicanalítica à clínica das psicoses.

Há alguns anos, num seminário daqueles de sábado, em La Borde, ouvi de Oury a afirmação, num tom divertido, de que Lacan funcionava para ele como o Guia Michelin, célebre guia de turismo presente no imaginário dos franceses como referência em seus deslocamentos, em suas descobertas de viagem. Afirmação que podemos dizer inusitada, quando pensamos na reputação de hermetismo de Lacan e na propalada dificuldade de compreensão de seus seminários.

Rodrigo Godoy Fonseca é psicanalista.

Cabe então a interrogação: seria Oury um *lacaniano*?

O próprio Oury mantém com relação a este termo, *lacaniano*, uma atitude bastante clara: “você observarão que eu nunca utilizo o termo *lacaniano*. Eu digo sempre ‘de Lacan’. Isso pode parecer sutil, mas, enfim, é uma tomada de posição e eu sempre, há muitos anos, prestei muita atenção. Eu nunca emprego o termo *lacaniano*, exceto agora, para denunciá-lo” (p. 51).

Ao fazer esta marcação, em vez de incorrer numa deriva, o autor se mantém muito próximo das palavras e do ensino de Lacan. Oury cita Lacan com grande frequência e pertinência. A *lógica do significante*; as formulações a respeito da operação de *alienação*, do *desejo do analista*; o uso da *topologia*, dos *nós*; dos *matemas dos quatro discursos*, surgirão como pontos de apoio fundamentais ao desenvolvimento de sua argumentação.

Mas seria um equívoco crer que o pensamento de Oury é tributário *apenas* (o que já o tornaria bastante complexo) das formulações trazidas por Freud e Lacan, aplicadas ao tratamento das psicoses e ao questionamento sobre a instituição. O autor irá buscar referências que vão de Guilherme de Ockham a Karl Marx, passando por Kierkegaard, por seu mestre Tosquelles, por Gisela Pankow, por seus diletos amigos Henri Maldiney e Jacques Schotte.

Mas vamos ao *Coletivo*

Nosso objetivo é que uma organização geral possa levar em conta um vetor de singularidade: cada usuário deve ser considerado, em sua personalidade, da maneira mais singular. Daí um tipo de paradoxo: colocar em prática sistemas coletivos e, ao mesmo tempo, preservar a dimensão de singularidade de cada um. Era neste tipo de “bifurcação” que se formulava esta noção do Coletivo (p. 19).

O Coletivo seria, talvez, *uma máquina a tratar a alienação*, todas as formas de alienação, tanto a alienação social, coisificante, produto da produção, como a alienação psicótica. É evidente que é preciso que haja em algum lugar – se quisermos verdadeiramente pôr em prática

algo eficaz no plano da psicoterapia das psicoses – uma máquina que possa tratar a alienação (p. 39).

É essencial formular essa noção de Coletivo – mesmo se a chamamos de outro jeito – e é mais uma função do que uma estrutura; é uma função certamente muito complexa, cuja finalidade essencial é fazer funcionar todas as estruturas institucionais em uma dimensão psicoterápica (p. 93).

Como essa máquina abstrata opera?

Oury irá desenvolver várias noções para dar conta deste funcionamento, dentre as quais se destaca a *função diacrítica*, entendida como vetor do que chamará de *distinguilidade*. Diacrítica no sentido utilizado pela acentuação na gramática, pela semiologia médica ao colocar em valor determinados sinais: “uma função que permite distinguir as diferentes coisas [...] separar os planos, os registros. No fim das contas, é uma função de análise estrutural” (p. 93).

Noções como *patoplastia*, *subjacência*, *heterogeneidade*, *distinguilidade* serão retomadas ou desenvolvidas justamente para favorecer essa análise estrutural permanente, recusando amálgamas, separando camadas de sedimentação discursiva. Nesse sentido, Oury insistirá, por exemplo, na distinção entre instituição e estabelecimento.

Recusamos muitas vezes o papel terapêutico das instituições psiquiátricas tais como elas se apresentavam (ou se ainda se apresentam) em nosso meio, marcadas por seu caráter asilar. Nesse ponto é oportuna tal distinção:

O estabelecimento é o que é instaurado pelo Estado, é algo que “estabelece” um contrato com o Estado, e que é, portanto, delegado pelo Estado para realizar um determinado trabalho. Logo, a primeira *démarche* da psicoterapia institucional é colocar em questão essa problemática. Será que é possível que o Estado possa delegar com eficácia [...] um estabelecimento, para organizar um campo de trabalho psicoterápico? (p. 208).

A psicoterapia institucional deve, então, junto com a instauração de um tratamento individual, do trabalho com um doente [...], encarar “tratar” o estabelecimento (p. 209).

A ação de Oury não é anti-institucional. Ela se baseia, ao contrário, num movimento que visa a promover a transformação da instituição, seu *descolamento* das premissas que regem o estabelecimento. Ele insistirá em várias ocasiões a respeito de um caráter *orgânico* da instituição, da necessidade de uma atividade de cultivo e de análise permanente e coletiva.

As ideologias que se chamaram “anti” só fizeram reforçar essa dimensão; ser “anti” é um jeito negativo de reforçar aquilo a respeito do que somos “anti”. Nessa função de elaboração coletiva, trata-se sempre de um questionamento do agenciamento de diferentes patamares de trabalho (p. 145).

A reflexão de Oury remete permanentemente aos diferentes registros, patamares, lugares. Para ele, a ação terapêutica diante da psicose não deve ser direta, exclusiva, fechada, totalizante. Uma das metáforas que lhe é mais cara é a da instituição psiquiátrica concebida como os *praticáveis* de teatro, espécie de cena provisória onde os atores podem desempenhar seus diferentes papéis, cena esta sustentada pela atividade coletiva, necessariamente renovada. Diante do colapso psicótico, Oury prescreverá *enxertos de aberto*. Sua abordagem de escolha será sempre a indireta, a da *mediação* e, neste sentido, ele dirá que o *Coletivo* é o *agente do oblíquo*.

Em estreita associação com a reflexão sobre a ação institucional, Oury tratará, ao longo deste seminário, de questões relacionadas com a clínica das psicoses e com o seu manejo transferencial, através do conceito absolutamente original de *transferência dissociada*, forma peculiar de expressão e de investimento. O *Coletivo* seria então o dispositivo responsável por acolher, suportar e trabalhar a partir dessas manifestações, que mantêm uma distinção de caráter estrutural com aquelas encontradas nas neuroses.

E o que está em questão, justamente na psicose, é que o sujeito [...] “*descarrilhou*” no simbólico, está num estado de sofrimento (como eu o digo frequentemente:

“em *Abwartung*”, em espera infinita, em sofrimento, sem esperanças que venham buscar-lhe) (p. 38).

O *Coletivo* será pensado então como superfície de inscrição, com a busca permanente de situações, lugares, espaços, que possam funcionar como *espaços do dizer*. Trata-se de fazer todo o possível para que alguma *emergência* ocorra, emergência não como urgência, bem entendido, mas como manifestação discursiva, como modificação do que se expressa na ordem do sintoma.

O que é visado é da ordem de um certo discurso, mesmo ainda balbuciante, apenas dito. É este discurso que é o estofo, a *manifestação* da “*emergência de um dizer*”, da *emergência de um desejo*, mesmo se ele é completamente mascarado. É a possibilidade do *enxerto de um pedacinho de transferência*, mesmo parcial, mesmo muito despedaçado, muito miserável (p. 266).

Trata-se de um trabalho enorme, comparável, como fez Ginette Michaud, a uma *aposta*, vista aí como investimento permanente, como trabalho contínuo de enfrentamento das dificuldades estruturais (e conjunturais) da psicose e da instituição destinada a tratá-la.

Jean Oury não trabalha com instituições ideais. Sua clínica, La Borde, jamais é apresentada como modelo. Ela é, antes de qualquer outra coisa, um campo de experimentação bastante peculiar, onde a atenção é dispensada no singular. Ao tratar de transferência na psicose, Oury fará uma advertência: o psicótico, em suas manifestações transferenciais dissociadas, estilhaçadas, nos coloca o tempo todo em posição de *responsabilidade transferencial*.

Ao final da leitura, o que fica ressaltado, além dos pontos que procuramos destacar, é o comprometimento *ético* do autor, ilustração límpida do que Lacan pôde conceituar como *desejo do analista*.

Através da percepção dessa ética é que podemos valorizar a vitalidade e a atualidade de suas intervenções e a pertinência, sempre mantida, de suas formulações teóricas.

Finalmente, seria impossível falar a respeito desta obra sem situar o contexto de seu lançamento, em setembro de 2009. Nesta ocasião Jean Oury realizou finalmente, aos 85 anos de idade, sua viagem tantas vezes projetada ao Brasil. Seus laços com o país, como ele próprio relata na nota à edição brasileira, são antigos, marcados por uma profunda amizade cultivada desde a juventude, e confirmados por, podemos ousar dizer, várias gerações de profissionais brasileiros marcados pela experiência de um estágio em La Borde.

Devemos justamente a colegas com uma passagem por este lugar de formação a iniciativa tão oportuna da escolha do primeiro texto de Oury a ser publicado no país; de sua trabalhosa tradução; do cuidado envolvido na escolha dos termos (muitos deles próprios ao autor e, por

essa razão, inéditos em português ou de impossível tradução) e até mesmo da escolha da ilustração de capa, mostrando os meandros de suas formulações. Clara, Karina, Maíra e Antoine merecem todo o nosso aplauso.

A experiência *labordiana* de alguns de nós, através de seu potente efeito de transmissão, talvez seja o motivo do grande interesse gerado por sua presença, que reuniu, durante alguns dias em São Paulo, numerosa audiência em vários encontros. Havia ali, certamente, a indicação de um enorme potencial de multiplicação, de difusão de suas ideias, que nos cabe fomentar.

Que a leitura de *O Coletivo* possa vir a se tornar o primeiro passo para que um número ainda maior de profissionais utilize essa rica cartografia de Jean Oury.